



NOSSA CLASSE

Pela organização independente dos trabalhadores!
Sob o programa da revolução proletária!

Boletim Sindical do Partido
Operário Revolucionário
Ano XVI - novembro 2020
☎ (11) 99990 3179
nossa.classe@hotmail.com
www.pormassas.org

POLÍTICA OPERÁRIA

Chega de promessas eleitorais! Nossas reivindicações serão conquistadas por meio da luta

As eleições municipais se aproximam. Os partidos e seus candidatos tentam, de todas as formas, conseguir o voto dos trabalhadores e da juventude pobre. Comparecem nas portas de fábricas, distribuem santinhos nas casas, vão às feiras, promovem cafés nas igrejas, usam a voz chorosa para falar da miséria. Enfim, fazem de tudo para caçar votos. Essas eleições têm uma particularidade, que é a pandemia. Assim, todos os candidatos recorrem às promessas de auxílio emergencial, com diferentes rótulos: “renda cidadã”, “renda mínima”, etc. E estão obrigados a prometer mais empregos.

A classe operária e demais explorados não devem confiar em promessas eleitorais. Elas desaparecem, logo após as eleições. Devem confiar na sua capacidade de luta coletiva para defender os empregos, salários e direitos. O problema está em que as direções

sindicais estão empenhadas em conseguir votos para seus candidatos. Portanto, estamos desorganizados, temerosos com as demissões, e divididos entre empregados e desempregados. O que facilita a arregimentação dos explorados pelos partidos eleitoreiros.

O Boletim Nossa Classe vem chamando o Voto Nulo, e defendendo a luta direta pelos empregos, salários, direitos e saúde pública. Rejeitando as promessas eleitoreiras. Denunciando a conduta das direções sindicais, que fizeram acordo de redução salarial, suspensão de contratos e de demissões (PDV). E que agora estão de corpo e alma caçando votos. O Boletim Nossa Classe entende que a defesa do voto nulo é a defesa da independência política da classe operária, diante dos partidos patronais e daqueles que se vestem com a máscara de trabalhadores.

O surto de demissões contagia todos os setores. Como responder?

A Tribuna Metalúrgica trouxe o dado estarrecedor de destruição de 94 mil postos de trabalho na região do ABC, em pouco menos de dez anos. A denúncia veio acompanhada da política da direção do sindicato, de buscar alternativas junto aos governos e empresários. Quer que os operários acreditem que os governos e os patrões vão conter as demissões. Quer que os operários apaguem da memória os recentes acordos entre o sindicato e a patronal, em torno à MP 936, que reduziu salários, suspendeu contratos e, ainda, facilitou as demissões, por meio do PDV. Quer que apaguemos da memória o acordo de demissão de 5.000 operários da Volks. O fato é que há um surto de demissões, que vem abarcando a indústria, comércio e serviços. E que nada tem sido feito para organizar a luta coletiva. O fato é que a classe operária se encontra desarmada para responder, devido à política de conciliação de classes das direções sindicais. É hora de dar um basta aos acordos de demissão e redução de salários!

O Boletim Nossa Classe defende que os sindicatos convoquem as assembleias, para defender os empregos e salários. Que formem os comitês de empregados e desempregados. Que levantem a bandeira: “Emprego não se negocia, defende-se com luta”.

A real defesa do emprego a todos

Somos 14 milhões de desempregados. Certamente, se levar em conta o subemprego, somos mais de 30 milhões. Nenhum trabalhador pode virar as costas para essa desgraça, que atinge nossas famílias. Os burocratas dos sindicatos estão de costas para essa tragédia, porque continuam fazendo acordos de demissão, a exemplo dos PDVs, e se negam a organizar uma luta nacional em defesa dos empregos.

Mas, a classe operária tem sua própria resposta, que é a defesa da escala móvel das horas de trabalho. Alguns companheiros perguntam: como fazer isso? Dizemos que basta fazer o cálculo das horas nacionais trabalhadas, e dividir entre todos os trabalhadores (empregados e desempregados). O que quer dizer, reduzir a jornada de trabalho, sem reduzir os salários. Outros companheiros perguntam: como conseguir isso? *O Boletim Nossa Classe responde: é preciso organizar um amplo movimento nacional, que se inicia no interior dos locais de trabalho, e se projeta por meio de uma poderosa greve geral.*

Onde está a campanha salarial dos metalúrgicos de São Paulo?

Chegou a data-base, 1º de novembro, a direção do sindicato diz que entregou a pauta de reivindicações aos grupos patronais. Diz que está mobilizando a categoria diariamente nas empresas e portas de fábricas. E diz que está lutando por um “reajuste digno” e pelas “conquistas da Convenção Coletiva”.

O Boletim Nossa Classe pergunta: 1) o sindicato realizou assembleias nas portas das fábricas?; 2) os dirigentes estão “diariamente” mobilizan-

do?; 3) diante da resposta negativa do patronato, o sindicato está organizando a greve de todos os metalúrgicos? Sem esses primeiros passos, tudo não passa de palavreado, de discurso vazio. Na realidade, nada tem sido feito. Essa conduta desses dirigentes vem de longa data. Ainda mais, querem que os operários acreditem que estão pressionando os patrões.

O Boletim Nossa Classe defende que uma verdadeira campanha salarial tem de iniciar com as assembleias,

com a aprovação da pauta de reivindicações, com a organização unitária dos metalúrgicos, para impor, por meio da luta, as reivindicações.

Nenhum patrão concederá nada, se não houver luta direta, que implica greve e manifestações de rua massivas. Nesse ano, há um agravante. Os patrões aproveitam da pandemia, para impor mais sacrifícios aos trabalhadores. Está aí por que uma das reivindicações fundamentais é a defesa dos empregos.

De olho, Bolsonaro quer privatizar o SUS. A LUTA COMEÇA DESDE JÁ

Não é de hoje que Bolsonaro joga com um decreto e espera a reação. Caso o decreto provoque reação negativa, retira em seguida. No entanto, guarda o decreto “provisoriamente”, e espera reunir forças no Congresso Nacional, para reapresentá-lo com outra roupagem. É bom lembrar que esse jogo também tem sido com a “Carteira Verde-amarela”, que precariza ainda mais os contratos de trabalho. O objetivo da privatização do SUS é o de avançar com as parcerias público-privadas, que atendem aos interesses dos capitalistas da saúde.

O Boletim Nossa Classe luta contra a privatização, que inclui o SUS, Correios, Petrobrás, Eletrobrás, etc. Ao contrário de privatizar o SUS, é preciso estatizar toda a saúde privada, sob o controle da classe operária. O Boletim Nossa Classe chama as centrais e sindicatos a impulsionar uma verdadeira campanha contra as privatizações, que implica organizar os trabalhadores para enfrentar nas ruas o governo e suas medidas antinacionais e antioperárias.

Bolsonaro e o presidente da Petrobrás punem os lutadores

Algumas lideranças dos petroleiros vêm sofrendo perseguições, por parte da direção da Petrobrás. Como é o caso do diretor do sindicato dos petroleiros de Minas Gerais, Leonardo Auim, de Gustavo Helmold e Thiago Machado, punidos com suspensão, que vai de 25 a 5 dias. A perseguição e punição se devem ao fato de os companheiros lutarem contra a privatização da empresa, de estarem à frente da greve de fevereiro, e denunciarem o plano de Bolsonaro, de pôr fim ao que resta da Petrobras e dos correios. Bolsonaro e o presidente da Petrobrás querem intimidar os trabalhadores, para abrir caminho à entrega definitiva desse patrimônio nacional, que é a Petrobrás.

O Boletim Nossa Classe denuncia as perseguições e punições de trabalhadores. Exige o cancelamento de todo tipo de punição. Luta pelo direito de manifestação e greve. E combate o plano bolsonarista de privatização.

Formação operária Direção da classe operária no início do século passado

Nas primeiras décadas, do século XX, o movimento operário foi dirigido por uma corrente política, que recebeu o nome de anarcossindicalista. Foi o período de muitas greves e manifestações, exigindo a jornada de 8 horas diárias de trabalho, piso salarial e melhores condições de trabalho. Nesse momento, foram criados os sindicatos, como instrumentos de defesa da força de trabalho, contra a exploração patronal. Os dirigentes do movimento operário foram duramente reprimidos, presos e, alguns, deportados, porque eram imigrantes europeus.

Como se vê, a classe operária nasceu lutando. As reivindicações que, mais tarde, foram incorporadas em forma de lei, como foi o caso da jornada de trabalho, foram conquistadas por meio de muita luta. Alguns operários foram mortos pela polícia, a exemplo de José Martinez, na greve de 1917. Devemos destacar que a corrente anarcossindicalista teve o grande mérito de impulsionar o método próprio da classe operária, que é a ação direta. Mas, não foi capaz de compreender a importância da construção do partido revolucionário, ferramenta essencial para a por fim ao sistema capitalista.